

ENTRE LINHAS E RITUAIS: O ENCANTO DA REPETIÇÃO NA ARTE DE PESSOAS COM AUTISMO

Catarina Mesquita Ladeira ¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise interdisciplinar que articula a produção artística de pessoas com autismo, o fenómeno dos estados alterados de consciência e o paralelismo com as práticas ritualísticas de “mágicos” das tribos antigas. Em diálogo com as ciências das artes, a psicologia e a psicoterapia, propomos uma reflexão sobre a repetição de formas simples e do automatismo presente nas obras de pessoas com autismo, ressaltando a importância da educação artística como instrumento de expressão e de inclusão. A partir de uma revisão bibliográfica e dos dados recolhidos do estudo de caso realizado, investigamos como tais manifestações podem representar, simultaneamente, estratégias de autorregulação emocional e evocação de dimensões ritualísticas e ancestrais do símbolo.

Palavras-chave: Autismo; Estados Alterados de Consciência; Educação Artística; Automatismo.

BETWEEN LINES AND RITUALS: THE CHARM OF REPETITION IN THE ART OF PEOPLE WITH AUTISM

Abstract: This article presents an interdisciplinary analysis that explores the artistic production of people with autism, the phenomenon of altered states of consciousness, and the parallels with ritual practices of ancient tribal “magicians.” Engaging in dialogue with the arts, psychology, and psychotherapy, we propose a reflection on the repetition of simple forms and the automatisms present in the artworks of autistic individuals, highlighting the importance of art education as a tool for expression and inclusion. Based on a bibliographic review and case study data, we investigate how such manifestations may simultaneously represent emotional self-regulation strategies and the evocation of ritualistic and ancestral dimensions of symbolism.

Keywords: Autism; Altered States of Consciousness; Art Education; Automatism

¹ Catarina Mesquita Ladeira (Lisboa Portugal, 1993) é Licenciada em Escultura FBAUL (2014) e Mestre em Educação Artística FBAUL (2022). O seu gosto pelo ensino levou-a a fazer voluntariado na Escola EB1 O Leão de Arroios em Lisboa (2011) e depois na Faculdade Sénior - USU em Lisboa (2015) onde lecionou Desenho e Pintura. Desde 2018 que trabalha como professora de Expressão Plástica na Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo (APPDA) em Lisboa. Realizou com Sandro Resende o workshop “Um olhar sobre a Produção Artística de Pessoas com deficiência e doença mental” na ANACED e também com a SPAT de Introdução à Arte Terapia. Participou no 23.º Congresso Português de Arte Terapia com o tema Na Barriga da Baleia (2022). Ganhou em 2015 o prémio na categoria de Ilustração do Concurso Jovens Criadores. <https://orcid.org/0009-0002-2630-9682>. catmesky@gmail.com

ENTRE LÍNEAS Y RITUALES: EL ENCANTO DE LA REPETICIÓN EN EL ARTE DE LAS PERSONAS CON AUTISMO

Resumen: Este artículo propone un análisis interdisciplinar que articula la producción artística de personas autistas, el fenómeno de los estados modificados de conciencia y el paralelismo con las prácticas rituales de los “magos” de antiguas tribus. En diálogo con las ciencias del arte, la psicología y la psicoterapia, se plantea una reflexión sobre la repetición de formas simples y el automatismo presente en las obras de arte de personas autistas, subrayando la importancia de la educación artística como herramienta de expresión e inclusión. A partir de una revisión bibliográfica y de los datos obtenidos en un estudio de caso, se examina cómo estas manifestaciones pueden representar tanto estrategias de autorregulación emocional como la evocación de dimensiones simbólicas y rituales ancestrales.

Palabras clave: Autismo; Estados Modificados de Conciencia; Educación Artística; Automatismo.

1. Introdução

A arte constitui uma das formas mais ancestrais de comunicação e expressão humanas. Desde as pinturas rupestres nas cavernas pré-históricas até às manifestações das vanguardas contemporâneas, a criação artística tem desempenhado um papel estruturante no pensamento e na exteriorização da experiência subjectiva. No caso do *Transtorno do Espectro do Autismo* (TEA), essa dimensão expressiva assume contornos singulares, frequentemente marcados pela repetição de padrões, pela organização meticolosa dos elementos e por um automatismo que reflecte tanto aspectos neurológicos como estados alterados de consciência.

A repetição — elemento central da presente análise — tem sido amplamente debatida na Psicologia, na Antropologia e na História da Arte. Freud ([1920] 1976) sugeria que o impulso à repetição poderia relacionar-se com o princípio do prazer² e com a necessidade de dominar experiências internas e externas. No domínio artístico, autores como Arnheim (1954) defendem que a repetição de formas e padrões é um recurso organizador da percepção visual e da cognição. Já no campo antropológico, Mircea Eliade (1957) interpreta os rituais repetitivos como práticas arcaicas que facilitam o acesso a dimensões simbólicas profundas e a estados de consciência expandidos, funcionando como mecanismos de transcendência. O autor sublinha que os ritos³, ao evocarem um “tempo primordial”, actualizam significados sagrados através da repetição simbólica.

Neste contexto, a produção artística de pessoas com autismo pode ser entendida não apenas como forma de expressão individual, mas também como estratégia de autorregulação emocional e como prática análoga aos rituais ancestrais. A repetição de formas geométricas, padrões minuciosos ou gestos obsessivos — frequentemente descritos como estereotipias — revela uma lógica interna que actua como ferramenta de organização sensorial e emocional.

Há ainda indícios de que muitas pessoas no espectro experienciam estados de hiperfoco durante a criação artística — um fenómeno comparável às experiências meditativas descritas por

² Para além do princípio do prazer” é uma formulação proposta por Freud, na qual se admite que nem todos os comportamentos humanos se orientam exclusivamente pela busca do prazer ou pela evitação do desprazer; alguns seguem pulsões inconscientes mais profundas, incluindo a chamada pulsão de morte.

³ Rito designa um conjunto de ações simbólicas, codificadas e repetitivas, geralmente integradas em práticas culturais, religiosas ou sociais, que visam conferir sentido, ordem e continuidade à experiência humana.

Csikszentmihalyi (1990) na sua teoria do fluxo. O hiperfoco, caracterizado por uma concentração intensa e pela perda temporária da noção do tempo, representa um estado alterado de consciência que permite uma imersão total na actividade criativa, promovendo tanto a regulação emocional como a expressão simbólica.

A pertinência deste estudo reside, assim, na articulação entre diversas abordagens teóricas para compreender o papel da arte na vivência subjectiva de pessoas com autismo. Com base numa revisão bibliográfica interdisciplinar e na análise de um caso específico, procuramos demonstrar como a repetição e o automatismo, longe de serem manifestações automáticas ou mecânicas, podem constituir estratégias elaboradas de processamento sensorial, regulação interna e evocação simbólica de carácter ritual.

2. A Arte e o Autismo: Entre Expressão, Estrutura e Automatismo

A arte tem sido, ao longo da história, um canal privilegiado para a expressão da subjectividade humana, permitindo a exteriorização de emoções, pensamentos e estados mentais que, de outro modo, permaneceriam inarticulados. No caso de pessoas com *Transtorno do Espectro do Autismo* (TEA), essa dimensão expressiva revela-se de forma singular, frequentemente caracterizada pela repetição rigorosa de padrões, figuras e gestos automáticos. Estes elementos têm sido interpretados simultaneamente como mecanismos de organização interna e formas de comunicação não verbal (Evans & Dubowski, 2001).

A relação entre autismo e prática artística tem sido explorada por várias disciplinas, da neurociência à psicologia da arte e à antropologia cultural. Uma questão central nesta discussão é o papel do automatismo na criação artística de pessoas com autismo. Diversos estudos sugerem que a repetição persistente de formas geométricas, linhas e texturas poderá estar relacionada com mecanismos neurobiológicos associados à autorregulação emocional e ao processamento sensorial (Bogdashina, 2016).

O conceito de “automatismo psíquico”, formulado por André Breton no Manifesto do Surrealismo (1924), descreve uma criação espontânea não filtrada pela razão, permitindo a expressão livre do inconsciente. Embora num contexto bastante distinto, a produção artística de indivíduos com autismo apresenta frequentemente características análogas — com composições que emergem de forma repetitiva e aparentemente involuntária. Neste caso, trata-se menos de uma estética consciente e mais de um processo interno de organização sensorial e emocional.

O movimento surrealista utilizou o automatismo como via de acesso ao inconsciente, através de práticas como a escrita automática ou o desenho espontâneo (*cadavre exquis*), tentando suspender o controlo racional. De forma comparável, muitos artistas autistas desenvolvem uma produção metódica e intensamente repetitiva, que apesar de parecer altamente planeada, flui sem supervisão consciente explícita. Como refere Oliver Sacks (1995), esta repetição assume frequentemente um carácter meditativo, permitindo uma imersão total na actividade artística.

Importa, contudo, distinguir os propósitos desses dois contextos. Enquanto os surrealistas procuravam de forma deliberada libertar o inconsciente criativo, o automatismo nos artistas com autismo tende a reflectir uma necessidade visceral de estrutura e previsibilidade. Tal prática pode ser aproximada do conceito de *stimming* — comportamentos repetitivos típicos do autismo, como movimentos estereotipados ou a repetição de sons e palavras — transpostos para a criação visual (Kanner, 1943).

A investigação em neurociência tem demonstrado que a repetição de padrões visuais e motores activa circuitos cerebrais ligados à aprendizagem e ao controlo sensorial. Dado que pessoas com autismo frequentemente evidenciam hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos, a repetição torna-

se uma estratégia eficaz para organizar as percepções e reduzir a sobrecarga sensorial (Bogdashina, 2016).

Neste sentido, a arte pode ser vista como uma extensão natural desses mecanismos reguladores. A insistência em certos traços ou formas funciona como tentativa de estabelecer um ambiente interno previsível, facilitando a redução da ansiedade e o controlo cognitivo. Temple Grandin (2006) descreve este processo como uma maneira de organizar o pensamento através de imagens visuais, com a arte a servir como prolongamento dessa estrutura interna.

Adicionalmente, a repetição intensiva pode induzir estados alterados de consciência, semelhantes ao estado de fluxo descrito por Csikszentmihalyi (1990). Este estado caracteriza-se por uma concentração extrema e uma sensação de intemporalidade, em que o sujeito perde a consciência do eu e do tempo. Em pessoas com autismo, o fenómeno pode intensificar-se devido à tendência para o hiperfoco (Mottron, 2011), o que promove uma imersão profunda na actividade artística.

A ligação entre a prática artística e estados de consciência diferenciados tem despertado o interesse de áreas como a neuroestética. Estudos apontam que a repetição minuciosa encontrada em muitas obras de artistas com autismo poderá estar associada à activação de regiões cerebrais específicas, relacionadas com a atenção, a criatividade e o controlo emocional (Zaidel, 2015).

Para além do fluxo, há testemunhos de artistas no espectro que relatam estados comparáveis ao transe, durante a criação artística — experiências em que a atenção se desliga do mundo exterior e se foca exclusivamente no processo criativo. Tais experiências podem ser comparadas a práticas meditativas ou rituais de diversas culturas, onde a repetição simbólica desempenha um papel crucial na indução de estados expandidos de consciência (Eliade, 1957).

Esta perspectiva leva-nos a encarar a arte produzida por pessoas com autismo não apenas como manifestação estética ou como sintoma clínico, mas como um processo multidimensional que incorpora aspectos simbólicos, sensoriais e emocionais. Tal como nas práticas xamânicas em que a repetição ritualística conduz ao transe, a criação artística pode representar um caminho para alcançar equilíbrio interno, transcendendo a experiência imediata e acedendo a estruturas cognitivas mais profundas.

Desta forma, o automatismo presente na arte de pessoas com autismo não deve ser interpretado como um acto mecânico, mas sim como expressão rica de processos internos complexos que envolvem a organização sensorial, a autorregulação e até a transformação da consciência. A repetição não é apenas uma técnica — é um instrumento de estruturação da experiência.

Ao traçar paralelos com o automatismo surrealista e com os rituais ancestrais, amplia-se a nossa compreensão da produção artística no espectro do autismo, reconhecendo o seu valor como uma linguagem estética sofisticada e uma prática simbólica enraizada na experiência humana mais profunda.

3. Ritual, Repetição e Arte: Conexões Entre o Simbólico e o Neurocognitivo

A repetição é um dos alicerces fundamentais tanto da arte como do ritual. Desde os padrões geométricos gravados nas paredes das cavernas pré-históricas até às danças e cânticos xamânicos, a repetição surge como um mecanismo estruturador, capaz de evocar significados profundos e de estabelecer uma ligação entre o indivíduo e uma dimensão simbólica e transcendente. No âmbito da *Transtorno do Espectro do Autismo* (TEA), a repetição persistente de gestos e padrões na prática artística pode ser entendida não apenas como expressão de uma condição neurológica, mas também

como um processo de organização interna e de regulação da experiência subjectiva face ao mundo exterior.

O antropólogo Mircea Eliade (1957) defende que os rituais assumem um papel essencial na estruturação simbólica das culturas tradicionais. Segundo o autor, os ritos, frequentemente compostos por gestos e fórmulas repetitivas, não se limitam a reencenar mitos fundadores; eles permitem aceder a um “tempo primordial” e romper com a linearidade da existência quotidiana. A repetição ritualística seria, assim, um meio de aceder a uma “realidade sagrada”, onde os símbolos ganham valor atemporal e arquetípico (Eliade, 1957, p. 34).

Victor Turner (1969) aprofunda esta ideia ao abordar o carácter performativo dos rituais e a sua função sociocultural. Para Turner, os ritos criam espaços liminares — zonas de transição simbólica — nos quais os participantes acedem a estados alterados de consciência e suspendem momentaneamente as normas sociais vigentes. O conceito de *communitas*, que introduz, descreve a ligação colectiva que emerge nesses momentos rituais, reforçando vínculos identitários e valores partilhados (Turner, 1969, p. 94).

Estas abordagens demonstram que a repetição não é um detalhe superficial do ritual, mas sim um elemento central na construção de sentido e na vivência do sagrado. Dado que a arte de muitas pessoas com autismo se caracteriza por uma insistência meticulosa na repetição, coloca-se a hipótese de que, mesmo de forma inconsciente, essa prática possa evocar dimensões ritualísticas.

Para além da antropologia, a neurociência tem também explorado o papel organizador da repetição. Ramachandran e Hirstein (1999) sugerem que padrões repetitivos activam o sistema dopaminérgico de recompensa, estimulando circuitos neuronais associados ao prazer e à previsibilidade (Ramachandran & Hirstein, 1999, p. 25). Em indivíduos com TEA, onde é frequente uma hipersensibilidade aos estímulos do meio, a repetição pode funcionar como uma estratégia para filtrar e organizar a informação sensorial. Segundo Bogdashina (2016), os comportamentos repetitivos observados no autismo podem ser formas adaptativas de reduzir a sobrecarga sensorial e restaurar o controlo perceptivo (Bogdashina, 2016, p. 77).

Rudolf Arnheim (1954), na área da psicologia da arte, destaca a repetição como princípio estruturante da experiência estética. Para o autor, a repetição de formas simples proporciona unidade e equilíbrio visual, sendo uma ferramenta compositiva fundamental (Arnheim, 1954, p. 142).

A convergência entre as explicações neurocientíficas e as abordagens simbólicas da antropologia oferece uma chave de leitura inovadora para a arte produzida por pessoas com autismo. A repetição pode ser simultaneamente uma resposta neurocognitiva à necessidade de organização interna e uma evocação simbólica involuntária de estruturas rituais ancestrais.

Neste sentido, a produção artística de pessoas com autismo pode ser interpretada como um “ritual interior”, onde o indivíduo estrutura a sua realidade através da repetição visual e gestual. Esta ideia articula-se com os conceitos de Carl Jung (1964) sobre os arquétipos e o inconsciente colectivo. Jung defende que determinados símbolos são recorrentes em diversas culturas porque emergem de estruturas universais do inconsciente humano, manifestando-se em mitos, sonhos e obras artísticas (Jung, 1964, p. 87).

Alguns dos padrões recorrentes na arte de indivíduos com TEA — como mandalas, espirais ou repetições obsessivas de símbolos — podem ser lidos como manifestações desse inconsciente profundo. Como refere Sacks (1995), muitas destas pessoas não desenham com o intuito de representar o mundo exterior, mas antes para construir um universo interno estruturado, regido por uma lógica imutável (Sacks, 1995, p. 204).

A imersão nesses processos repetitivos pode induzir estados de consciência alterados, semelhantes ao transe meditativo descrito por Eliade (1957). Em tradições xamânicas, a repetição de sons, movimentos e imagens desempenha um papel central na indução de estados de consciência expandidos, que abrem acesso a realidades espirituais ou inconscientes (Eliade, 1957, p. 53).

Estabelecendo esse paralelismo, pode sugerir-se que a arte de pessoas com autismo — sobretudo quando envolve hiperfoco e repetição obsessiva — funciona como um portal de acesso a um estado mental diferenciado. Nesses momentos, o artista parece desligar-se do exterior e mergulhar numa realidade sensorial própria. Tal fenómeno aproxima-se da noção de fluxo descrita por Csikszentmihalyi (1990), um estado de concentração intensa e prazer intrínseco durante a execução de uma actividade altamente envolvente (Csikszentmihalyi, 1990, p. 71).

A articulação entre repetição, arte e ritual permite reinterpretar a produção artística no autismo não como um acto automático ou desprovido de intenção, mas como um processo simbólico complexo. Essa produção pode ser entendida como uma forma de ritual interno, em que a repetição não só regula o campo perceptivo e emocional, mas também conecta o sujeito a estruturas arquetípicas e a estados ampliados da consciência humana

4. Educação Artística e Inclusão: A Arte como Ferramenta de Expressão e Desenvolvimento no Autismo

A arte tem vindo a ser amplamente reconhecida como uma ferramenta poderosa de expressão e inclusão para pessoas com TEA. Dado que muitas destas pessoas enfrentam dificuldades na comunicação verbal e na interacção social, a prática artística surge como uma via alternativa para exteriorizar emoções, organizar vivências internas e estabelecer contacto com o mundo envolvente. Esta dimensão da arte não só contribui para o desenvolvimento pessoal, como desempenha um papel decisivo na promoção da inclusão social e educativa.

A limitação da linguagem verbal é uma das características centrais do autismo, podendo variar entre dificuldades na expressão oral e a ausência completa de fala (Kanner, 1943, p. 242). Muitos indivíduos no espectro recorrem a formas não verbais de comunicação, como o desenho, a colagem ou a escultura, para dar expressão aos seus pensamentos e sentimentos.

Temple Grandin (2006), numa reflexão autobiográfica, sublinha a importância da arte na sua trajectória de desenvolvimento. Refere que “pensar em imagens” foi essencial para compreender o mundo e que a produção artística lhe permitiu organizar a sua percepção da realidade (Grandin, 2006, p. 85). Esta experiência encontra respaldo em investigações neurocientíficas que demonstram que muitas pessoas com PEA apresentam competências visuais acentuadas, usando padrões gráficos e representações visuais como formas de estruturar o pensamento (Mottron et al., 2013, p. 34).

A psicóloga Olga Bogdashina (2016) reforça esta visão ao afirmar que, para muitas pessoas autistas, a arte é mais do que uma prática estética — é um meio essencial de comunicação, “Enquanto a linguagem verbal pode ser fragmentada e difícil de decifrar, a linguagem visual e simbólica da arte permite uma expressão mais autêntica e directa.” (Bogdashina, 2016, p. 102)

Compreender a arte como linguagem alternativa no autismo abre portas a práticas pedagógicas inclusivas, centradas na valorização da individualidade e no respeito pela diversidade dos estilos de aprendizagem.

Neste contexto, a educação artística assume um papel fundamental ao oferecer um espaço onde a diferença é acolhida e a criatividade incentivada. Contrariamente a disciplinas com estruturas rígidas

e lógicas sequenciais, a arte permite uma maior liberdade de exploração, permitindo que os alunos desenvolvam as suas capacidades e interesses sem a pressão de padrões normativos.

Estudos sugerem que a participação regular de alunos autistas em actividades artísticas favorece a socialização e reduz comportamentos de ansiedade e isolamento (Martin, 2009, p. 78). Além disso, as aulas de arte fomentam a interacção com colegas neurotípicos, promovendo ambientes de aceitação e convivência mútua.

Para garantir que o ensino artístico seja verdadeiramente inclusivo, é essencial adoptar metodologias flexíveis, ajustadas ao ritmo e às necessidades de cada aluno. Como salienta Parsons (2015) “A abordagem pedagógica na arte inclusiva deve priorizar a liberdade de experimentação e oferecer apoios adequados para que cada estudante possa expressar-se sem receio de julgamento ou fracasso.” (Parsons, 2015, p. 211)

A adequação dos materiais e do ambiente é também um aspecto crucial. Alguns alunos apresentam hipersensibilidade táctil ou auditiva, pelo que é necessário seleccionar materiais que não causem desconforto. Estratégias como o controlo da iluminação, a minimização de estímulos visuais excessivos e o uso de utensílios adaptados (como pincéis com pegas ergonómicas) podem melhorar significativamente a participação dos alunos nas aulas (Bogdashina, 2016, p. 119).

No plano educativo e terapêutico, várias metodologias têm sido desenvolvidas com o objectivo de integrar a arte como meio de desenvolvimento no autismo. Uma das mais reconhecidas é a arteterapia, utilizada para promover competências emocionais, cognitivas e sociais. Segundo Cathy Malchiodi (2012), esta abordagem permite expressar emoções intransmissíveis por via verbal, ao mesmo tempo que trabalha aspectos como a motricidade e a interacção interpessoal (Malchiodi, 2012, p. 67).

Além disso, investigações demonstram que actividades artísticas estruturadas podem reduzir significativamente os níveis de stress e ansiedade em crianças e adultos com TEA. Num estudo de Evans e Dubowski (2001), verificou-se que crianças que participavam regularmente em sessões de arteterapia apresentavam melhorias na regulação emocional e no comportamento adaptativo (Evans & Dubowski, 2001, p. 143).

Em suma, a educação artística desempenha um papel indispensável na inclusão e no desenvolvimento de pessoas com autismo. Oferece canais alternativos de comunicação, contribui para o equilíbrio emocional e facilita a integração social. Práticas como a arteterapia, bem como abordagens pedagógicas centradas nos interesses individuais, demonstram que a arte pode ser moldada para responder às especificidades de cada pessoa, tornando-se uma ponte entre o mundo interior e o espaço social.

5. Estudo de Caso: P.A. e a Arte como Estruturação, Ritual e Imersão Sensorial

5.1. Introdução ao Estudo de Caso

Este estudo de caso centra-se na análise do processo criativo de um indivíduo com diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo, aqui identificado pelas iniciais P.A., acompanhado pela Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo de Lisboa. O objectivo principal é compreender de que forma a repetição de padrões, a lógica interna de composição e o envolvimento sensorial na prática artística podem ser interpretados como estratégias de autorregulação emocional, acesso a estados alterados de consciência e evocação de estruturas ritualísticas.

Paralelamente, o estudo pretende explorar a relação de P.A. com a sua própria produção artística, bem como o impacto do seu trabalho no contexto da comunidade artística. Procura-se compreender como a sua obra é percebida tanto pelo próprio criador como pelos observadores externos, incluindo artistas, técnicos e apreciadores de arte, valorizando assim diferentes dimensões da recepção estética e simbólica do seu trabalho.

5.2. Metodologia

O estudo segue uma abordagem qualitativa, utilizando o método de estudo de caso (Stake, 1995), que permite uma análise aprofundada de um fenômeno singular em seu contexto específico. A coleta de dados baseou-se na observação direta do comportamento artístico de P.A., registrando seu processo criativo, suas interações com os materiais e suas respostas verbais mínimas. Além disso, considerou-se a recepção externa de sua obra, por meio de relatos informais de artistas e apreciadores de arte que reconheceram a riqueza estética de seu trabalho. Os dados foram analisados à luz de referenciais teóricos sobre arte, autismo e estados alterados de consciência (Bogdashina, 2016; Grandin, 2006; Malchiodi, 2012).

5.3. Descrição do Objeto de Estudo

A recolha de dados assentou na observação directa do comportamento artístico de P.A., registando-se o seu processo criativo, as interacções com os materiais e as respostas verbais — geralmente breves e objectivas.

Para além da observação directa, considerou-se também a recepção externa da sua obra, com base em relatos informais de artistas e apreciadores de arte que destacaram a riqueza estética e expressiva do seu trabalho. A análise dos dados foi orientada por referenciais teóricos provenientes das áreas da arte, do autismo e dos estados alterados de consciência, com destaque para os contributos de Bogdashina (2016), Grandin (2006) e Malchiodi (2012).



Figura 1. P.A na oficina de Expressão Plástica da APPDA-Lisboa a criar. Fonte: Fotografia cedida pela APPDA-Lisboa.

5.4. Análise do Processo Criativo: Ritmo, Repetição e Automatismo

O processo criativo de P.A. é marcado por uma profunda imersão sensorial e cognitiva, durante a qual permanece totalmente concentrado na actividade, demonstrando desinteresse pelo ambiente circundante. Este estado de hiperfoco aproxima-se do conceito de fluxo descrito por Csikszentmihalyi (1990), caracterizado por uma absorção total na tarefa e por uma suspensão da percepção do tempo e do espaço.

A repetição surge como elemento estruturante da sua produção, tanto na selecção dos motivos gráficos — círculos, riscos, letras e números — como na metodologia compositiva. O seu processo não é aleatório; obedece a uma lógica interna rigorosa, perceptível na utilização de medições tátteis com os próprios dedos, assegurando a regularidade das formas e o espaçamento entre os elementos. Este comportamento sugere um automatismo psíquico no sentido surrealista proposto por Breton (1924), onde a criação artística emerge de um fluxo interior não racionalizado, porém altamente estruturado.



Figura 3. *Frames* retirados de um vídeo de P.A. a trabalhar na oficina de Expressão Plástica da APPDA-Lisboa. Fonte: Filme particular cedido pela APPDA-Lisboa.

5.5. Percepção de P.A. sobre sua Própria Obra

Quando conclui uma obra, e caso seja questionado sobre o que produziu, P.A. limita-se a descrever os elementos formais visíveis, nomeando-os com objectividade: “um círculo”, “um risco”, “a letra E”. As suas respostas não incluem interpretações simbólicas ou associações subjectivas, o que evidencia uma relação não narrativa com a sua produção — uma ligação visual, concreta e descriptiva, em contraste com as abordagens simbólicas ou expressivas frequentemente atribuídas à criação artística.

Este tipo de resposta pode estar relacionado com a dificuldade, identificada em algumas pessoas com autismo, em lidar com metáforas e conceitos simbólicos abstractos (Happé, 1995). Contudo, tal ausência de interpretação verbal não implica uma falta de profundidade na sua obra. Pelo contrário, o significado do seu trabalho poderá residir precisamente na estrutura visual, no rigor da composição e na cadência rítmica dos elementos que repete com intencionalidade.

5.6. O Reconhecimento Externo da sua Arte

Apesar de P.A. não atribuir significados subjectivos às suas obras, estas são amplamente valorizadas por observadores externos, incluindo artistas plásticos e especialistas em belas-arts. Muitos destacam

a riqueza estética das suas composições, sublinhando aspectos como: a sofisticação na organização dos elementos visuais; a harmonia na sobreposição das cores; a expressividade da repetição e do ritmo.

Este reconhecimento vem reforçar a ideia de que a produção artística de pessoas com autismo não deve ser encarada apenas como ferramenta terapêutica ou recurso educativo, mas sim como uma forma legítima de expressão no panorama da arte contemporânea. A obra de P.A. revela afinidades com tendências da arte abstracta e da arte conceptual, nas quais a repetição sistemática e a estrutura formal são exploradas como fundamentos estéticos centrais.



Figura 2. Trabalho de P.A. premiado em 1.º lugar. Fonte: Fotografia cedida pela APPDA-Lisboa.

5.7. Discussão dos Resultados: Arte, Ritual e Estados Alterados de Consciência

A análise do processo artístico de P.A. permite estabelecer paralelismos com práticas ritualísticas e com estados alterados de consciência. Segundo Turner (1969), os rituais consistem em sequências repetitivas de gestos e símbolos que induzem estados de liminaridade — momentos de transição nos quais o indivíduo experimenta transformações psíquicas ou sensoriais. Neste enquadramento, a prática artística de P.A., pela sua estruturação meticolosa e envolvimento profundo, pode ser compreendida como um ritual pessoal, onde encontra um espaço seguro de previsibilidade e controlo.

Para além disso, a experiência criativa de P.A. parece reflectir os chamados “estados autísticos de consciência”, conforme descritos por Bogdashina (2016), que se caracterizam por uma intensificação da percepção sensorial e pela prevalência de padrões de pensamento não verbais. A escolha meticolosa das cores, a progressão ordenada das camadas pictóricas e o uso de medições tácteis indicam que a vivência da arte, no seu caso, é eminentemente sensorial e conduzida por uma lógica interna que ultrapassa a linguagem verbal.

5.8. Considerações Finais sobre o Estudo de Caso

A análise do caso de P.A. revela que a sua arte ultrapassa a função terapêutica ou comunicacional frequentemente atribuída à produção artística de pessoas com autismo. O seu trabalho não deve ser

compreendido apenas como reflexo da sua condição neurológica, mas como um processo estruturado de organização perceptiva, regulação interna e expressão visual com profundo valor estético.

Para além disso, a sua prática criativa pode ser interpretada como evocadora de estruturas rituais ancestrais, pela forma como a repetição, o ritmo e a composição obedecem a uma lógica interna meticulosa, que remete para gestos simbólicos de ordenação e controlo do caos, tal como ocorre nos ritos das sociedades tradicionais. A sistematização da cor, a escolha intuitiva mas rigorosa dos elementos visuais e a imersão profunda no acto de criar aproximam a sua actividade de uma verdadeira dimensão ritualística.

Ao mergulhar em estados de hiperfoco que suspendem a percepção do tempo e do espaço, P.A. recria no seu próprio gesto artístico uma espécie de “ritual interno”, um processo que, tal como os rituais xamânicos ou religiosos, permite aceder a uma realidade simbólica e reconfigurar o seu mundo interior. A sua arte não comunica através de metáforas verbais, mas através da repetição e da forma, da cadência e da simetria, expressando uma busca de estabilidade e de transcendência sensorial.

Assim, a obra de P.A. oferece um exemplo claro de como a arte no espectro do autismo pode representar não apenas uma linguagem pessoal, mas também um eco das práticas arquetípicas da humanidade, onde o acto de criar entrelaça-se com os gestos ritualísticos que marcam, estruturam e dão sentido à existência.

6. Conclusão

A repetição, o automatismo e a imersão sensorial presentes na arte de pessoas com autismo ultrapassam a simples manifestação de um funcionamento cognitivo específico: são, na verdade, formas estruturadas de interação com o mundo, inseridas num contexto mais amplo de práticas artísticas e rituais humanos. Neste artigo, propomos uma análise de como estes elementos se interligam com estados alterados de consciência, processos de autorregulação emocional e com a dimensão simbólica da arte, traçando paralelos com o pensamento mágico e ritualístico das culturas ancestrais.

O estudo de caso de P.A. ilustra concretamente estes conceitos, demonstrando como a sua produção artística segue uma lógica interna rigorosa, fundamentada na repetição ordenada de padrões visuais e na organização sistemática das cores. A sua imersão no processo criativo sugere a presença de um estado de fluxo (Csikszentmihalyi, 1990) ou até de uma experiência meditativa, em que a previsibilidade das formas e sequências funciona como um mecanismo de estabilização psíquica. Para além disso, a sua arte desafia as noções tradicionais de intencionalidade e simbolismo, uma vez que o próprio autor não atribui significados subjetivos às suas obras, mas compõe-as com um elevado senso estético e estrutural.

O reconhecimento da sua produção artística por parte de especialistas em belas-arts reforça um ponto essencial: a arte criada por indivíduos autistas não deve ser encarada unicamente como uma ferramenta terapêutica ou de inclusão, mas como um campo legítimo de expressão visual que dialoga com movimentos como a arte abstrata e o automatismo surrealista. A receção do seu trabalho pelo público e por artistas contemporâneos indica que estas manifestações possuem um valor estético intrínseco, independentemente do diagnóstico ou da condição cognitiva do autor.

Desta forma, este estudo contribui para alargar as perspectivas sobre a educação artística e para uma compreensão mais profunda da arte autista. Em vez de circunscrever a produção de indivíduos no espectro apenas ao âmbito clínico ou pedagógico, é fundamental reconhecer a sua potência criativa e

a capacidade de ressignificar a relação entre arte, repetição e estados de consciência. As práticas artísticas destes indivíduos não só revelam aspectos únicos da sua percepção do mundo, mas também desafiam as fronteiras entre arte e ritual, razão e automatismo, ordem e improviso.

Estudos interdisciplinares que combinem psicologia, arte e antropologia podem oferecer novas interpretações sobre como diferentes modos de cognição geram expressões visuais únicas, contribuindo para uma visão mais abrangente e inclusiva da criatividade humana.

Bibliografia

- Arnheim, R. *Art and Visual Perception: A Psychology of the Creative Eye*. Berkeley: University of California Press, 1974.
- Bogdashina, O. *Autistic Perception and Worldview*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2016.
- Breton, A. *Manifesto do Surrealismo*. Paris: Gallimard, 1924.
- Csikszentmihalyi, M. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York: Harper & Row, 1990.
- Eliade, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1959.
- Grandin, T. *Thinking in Pictures: My Life with Autism*. New York: Vintage, 2006.
- Happé, F. *Understanding Minds and Metaphors in High-Functioning Autism*. *Psychological Review*, Washington, v. 102, n. 1, p. 137-158, 1995.
- Kandinsky, W. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1911.
- Lowenfeld, V.; Brittain, W. L. *Creative and Mental Growth*. New York: Macmillan, 1987.
- Malchiodi, C. *Art Therapy and Health Care*. New York: Guilford Press, 2012.
- Read, H. *Education through Art*. New York: Pantheon Books, 1958.
- Rosenberg, H. *The Tradition of the New*. New York: Da Capo Press, 1972.
- Turner, V. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Ithaca: Cornell University Press, 1969.
- Winnicott, D. W. *Playing and Reality*. London: Routledge, 1971